

A PRÁTICA DA REPRESENTAÇÃO POR MEIO DOS DISCURSOS MIDIÁTICOS

DOI: 10.5935/2177-6644.20180026

THE PRACTICE OF
REPRESENTATION BY
MEANS OF MIDI

LA PRÁCTICA DE LA
REPRESENTACIÓN POR
MEDIO DE LOS DISCURSOS
MIDIÁTICOS

Vanessa Lobato da Costa *

STUART, Hall. **Cultura e Representação.**
Tradução: William Oliveira e Daniel Miranda.
Rio de Janeiro: PUC -Rio: Apicuri, 2016.

Stuart Hall (1932-2014), importante sociólogo e teórico cultural, atuou no Reino Unido em estudos da cultura e dos meios de comunicação. Nascido em Kingston, capital da Jamaica, mudou-se aos 19 anos para Inglaterra (1951), para estudar na Universidade de Oxford. Hall é considerado um dos mais importantes autores a debater a cultura na contemporaneidade, discutindo o uso da linguagem como estrutura de poder e o sujeito como produtor e consumidor de cultura, identidade e representação. Com obras de grande circulação em impacto no debate acadêmico, Hall escreveu *Diáspora: Identidades e Mediações Culturais* (2003), *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade* (2006) e *Cultura e Representação* (2016). Estas são apenas algumas das principais obras, entre elas a última, que é objeto de análise nessa resenha. Entre as atividades exercidas, Hall foi um dos fundadores da revista *New Left Review* em 1950 e em 1964, com Richard Hoggart e Raymond Williams, fundou a *Center for Contemporary Cultural Studies* (CCCS) na Universidade de Birmingham, hoje conhecida como escola Birmingham dos Estudos Culturais, onde foi diretor de 1968 a 1979. Deixou o Centro para ser docente de

* Mestranda no Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar Sociedade e Desenvolvimento (PPGSeD) da Universidade Estadual do Paraná – Unespar/Campo Mourão. Professora do curso de Comunicação Social - habilitação em Publicidade e Propaganda da Faculdade Campo Real. E-mail: vlobatoc@gmail.com

sociologia na *Open University*, onde se aposentou em 1997. Hall faleceu em 10 de fevereiro de 2014, aos 82 anos, em Londres.

Cultura e Representação é sustentado pela ideia primordial de que “a representação pela linguagem é essencial aos processos pelos quais os significados são produzidos” (p.18). A obra divide-se em duas partes, a primeira nomeada “O Papel da Representação”, abordando a questão da prática da representação, assim como a linguagem é atrelada ao processo representativo e cultural. Hall pontua a importância dos códigos compartilhados e os mapas conceituais comuns, conforme ele mesmo enfatiza, “[...] somos nós quem fixamos o sentido tão firmemente que, depois de um tempo, ele parece natural e inevitável” (p.41). Hall dialoga com trabalhos de Saussure, Barthes e Foucault, com observações sobre a semiótica, discurso e a questão do sujeito.

Na segunda parte, nomeada como “O Espetáculo do outro”, Hall busca exemplificar os conceitos trabalhados na primeira parte, utilizando principalmente o conceito de raça e a aplicação de ilustrações e materiais publicitários, discursando sobre as imagens do negro produzidas, neste caso, na cultura britânica. É repleto de exercícios reflexivos e textos complementares para compreensão dos conceitos trabalhados.

Segundo o autor, na obra *O papel da representação*, é concentrada em um dos processos – chave do “circuito cultural” – a prática da representação. Apresenta, inicialmente, a questão da linguagem e sua importância para a cultura como repertório de representação envolvido no processo da construção de sentido e significado. Pontua que as pessoas pertencentes às mesmas culturas tendem a possuir uma maneira semelhante de interpretar os signos de uma linguagem, possibilitando o sentido entre os sujeitos envolvidos. Quanto ao sentido (código), Hall assinala que ele é fixado por nós e não pelo objeto em si. O sentido é construído pelo sistema de representação, de modo que, ao pensar a “cultura” nesta obra, é importante visualizá-la como um sistema de linguagem compartilhada e de códigos que governam as relações de tradução entre eles. Ou seja, permite a criação e troca de significados dentro de uma determinada sociedade relacionando a ideia de identidade e pertencimento. Conforme afirma o autor,

Pertencer a uma cultura é pertencer, *grosso modo*, ao mesmo universo conceitual e linguístico, saber como conceitos e ideias se traduzem em diferentes linguagens e como a linguagem pode ser interpretada para se referir ao mundo ou para servir de referência a ele” (2016, p. 43).

Para explicar como o sentido pela linguagem funciona, Hall apontará três abordagens, sendo elas: Abordagem reflexiva: onde o sentido é pensado como repousando no objeto, pessoa, ideia ou evento no mundo real, e a linguagem funciona como um espelho, para refletir o sentido verdadeiro como ele já existe no mundo. Abordagem intencional - defende que o autor, interlocutor, quem impõe seu único sentido no mundo, pela linguagem. As palavras significam o que o autor pretende que signifique. Abordagem construtivista – reconhece o caráter público e social da linguagem. Atesta, dessa forma, que nem as coisas, nem os usuários individuais podem fixar os significados da linguagem.

No decorrer do capítulo 1, é possível perceber que o autor trabalhou com a terceira abordagem, principalmente ao ressaltar os estudos de Ferdinand Saussure e Michel Foucault. Em *O legado de Saussure*, Hall pontua que a visão geral dos estudos de Saussure sobre a representação e a forma com que seu modelo de linguagem norteou a abordagem semiótica para o problema da representação em uma ampla variedade de campos culturais. Para Saussure, o signo pode ser explorado em dois outros elementos: significante, que é a forma (a verdadeira palavra, imagem ou foto) e o significado, que é a ideia ou o conceito com o qual a forma é associada. Portanto, para Hall, os dois são necessários para produzir sentido, mas é a relação entre eles, fixada pelo código cultural e linguístico, que sustenta a representação.

Apesar disso, ainda segundo Saussure, a relação entre o significante e o significado, que é fixado pelos códigos culturais, não é permanentemente fixa, já que as palavras podem mudar de sentido. Se o sentido pode mudar e nunca é fixo de forma definitiva, o que se segue é que “captar o sentido” deve envolver um processo de *interpretação*. Esse enfoque geral nos estudos dos signos na cultura, e da cultura como tipo de “linguagem”, que Saussure projetou, agora é generalizadamente conhecido pelo termo semiótica (p.66).

Ao introduzir Foucault, o autor apontará sua abordagem discursiva sobre o sistema de representação, o discurso que constrói o assunto, define e produz objetos do nosso conhecimento. Desta forma, significados e práticas significantes são construídos dentro de um discurso. Na semiótica, encontramos a importância da conceitualização do significante e significado. Já na abordagem discursiva, é possível verificar a forma como o discurso também produz sujeitos e define as *posições de sujeito*, trazendo para o campo da representação.

Segundo Hall, representação trata do processo pelo qual membros de uma cultura usam a linguagem para produzir sentido. Sentidos, conseqüentemente sempre mudarão, de uma cultura para outra ou de um período ao outro. Desta forma, representação pode ser entendida como a aceitação de um grau de relativismo cultural entre uma e outra cultura, certa falta de equivalência e a necessidade de tradução quando nos movemos de um universo conceitual de uma cultura para outra. (p.108)

No segundo capítulo, O espetáculo do “outro”, manterá o tema central ao continuar explorando a questão da *representação* como conceito e prática. Dará enfoque às práticas representacionais denominadas “estereotipagem” e recorrerá a exemplos retirados da mídia de massa e da cultura popular, utilizando a imagem de negros como centro da abordagem e da diferença racial. Questionará qual é o fascínio secreto da alteridade e por que a representação popular é tão atraída por ela. Com recortes de diversas matérias jornalísticas, Hall traz para discussão a representação da imagem do negro, o significado, muitas vezes ambíguo, mostrando que o mesmo “flutua”, e que não há como mantê-lo fixo.

Em umas das atividades propostas na obra (p. 149) há a imagem da atleta norte-americana Florence Griffith-Joyner, com outras velocistas e o questionamento se o leitor consegue “ler” a foto sem obter “mensagens” sobre raça, gênero e sexualidade. Segundo Hall, há na representação uma espécie de diferença para atrair outras, que colaboram para totalizar o “espetáculo” da alteridade. Utilizando da mesma imagem o autor trabalha a questão de intertextualidade ao discorrer como as fotografias dos atletas negros são trabalhadas pela imprensa:

Essa acumulação de significados em diferentes textos, em que uma imagem se refere a outra ou tem seu significado alterado por ser “lida” no contexto de outras imagens, chama-se intertextualidade. Todo o repositório de imagens e visuais por meio dos quais a “diferença” é representada em um dado momento histórico pode ser descrito como um *regime de representação* (p.150).

Logo após trazer uma variedade de exemplos de como a representação na mídia e na cultura popular se apresenta, o autor trará a questão da estereotipagem enquanto prática de produção de significados. Para argumentar sobre o assunto, Hall recorre a Richard Dyer:

Um sistema de tipos sociais e estereótipos aponta tudo o que está, por assim dizer, dentro e fora dos limites de normalidade [ou seja, comportamentos aceitos como “normais” em qualquer cultura]. Tipos são instâncias que indicam aqueles que vivem segundo as regras da sociedade (tipos sociais) e aqueles que as regras são delineadas para excluir (estereótipos). Por essa razão, os estereótipos também são mais rígidos que os tipos sociais. [...]. Os limites [...] devem estar claramente delineados e, dessa forma, os estereótipos, um dos mecanismos da manutenção dos limites, são caracteristicamente fixos, claros, inalteráveis (1977, p.29 apud, 2016, p.191).

Sendo assim, podemos caracterizar estereotipagem como uma prática de fechamento e exclusão, como parte da manutenção da ordem social e simbólica, estabelecendo uma fronteira entre o “normal” e o “aceitável”, o “pertencente” e o que não pertence ou ainda entre “insiders” e “outsiders”. Na estereotipagem há uma conexão entre representação, diferença e poder (é o que Foucault denomina “poder/conhecimento” do jogo). O poder, pontuado aqui, é entendido como algo muito além da exploração econômica e coerção física, mas também em termos simbólicos ou culturais, incluindo o exercício do poder simbólico, através das práticas representacionais e, a estereotipagem, é um elemento essencial para que aconteça a “violência” simbólica.

A segunda parte avança na análise da representação como prática de produção de significados e a relação da “alteridade”. Discorre, portanto, demonstrando por meio de exemplificações e argumentos teóricos, que saber por que a “diferença” e a “alteridade” são de suma importância para os estudos culturais. Segundo Hall, “embora as celebridades e figuras negras tenham estourado no campo da representação popular, ainda existem limites marcados de sua representação e participação nos centros de poder cultural e econômico” (p.228). Com isso, Hall finaliza o livro trazendo possibilidades, já que as representações não são fixas, para alterar as imagens negativas e estereotipadas (principalmente as representações de raça, do negro), buscando uma leitura positiva.

Com uma argumentação exemplificada por meio de materiais midiáticos, Hall trabalha como a estereotipagem é inserida e aceita no contexto diário da sociedade, como algo natural. Pontua que da mesma forma que trabalhou com os exemplos de representações de raça, abordando as questões da diferença e da alteridade, podem ser utilizados outras temáticas estereotipadas culturalmente e reforçadas pelas mídias de massa. Desta forma, o livro é uma importante reflexão sobre a prática da representação, dos conceitos e estereótipos já fixados na cultura e na sociedade, do reducionismo das

qualidades, das exacerbadas representações, da forma que a mídia discursa sobre, e a necessidade de uma análise aprofundada sobre o assunto.

Recebido em: 08 de setembro de 2018.

Aprovado em: 16 de novembro de 2018.